

TESSITURAS ARTÍSTICAS

ROMA EM TREVAS

Jefferson Adriã Reis¹

Tive um professor que me chamava de problema. Ensinava Filosofia no colégio e foi com ele que aprendi a paixão. Paixão pelo mundo, pelas palavras, pelos pensamentos e pelo corpo de homem. Ele falava sobre o comportamento humano, na aula, enquanto eu vagava pelas ruas de Roma. Uma Roma em trevas, nas celas dos gladiadores. Eu era o anjo apócrifo que deveria salvá-los, mas os levava para o meio do Coliseu e gritava: Pão e circo! De repente voltava para a aula e para o professor.

Em pé, ele gostava de ficar. Encostado no quadro negro, falava como se soubesse da existência de um universo mágico e profundo, como se tivesse escapado de algum livro. Meu professor transformava as palavras em mistérios.

Cabelos castanhos lisos, barba por fazer. Sempre aquela barba por fazer. Não deve ter muito tempo, deve ser desses homens ocupados, eu pensava. E pensava também que ele deveria precisar de alguém, alguém que cuidasse dele. Alguém que segurasse em suas mãos quando desejasse voar, esconder-se nas estrelas. Porque eu sabia seu segredo. Ele tinha um olhar de quem se esconde em estrelas. Tinha olhar de quem sustenta um mundo próprio. Dele, roubei esse olhar.

Roubei o olhar, mas queria mais, muito mais. Queria que fosse meu gladiador. Mas dessa vez não o levaria para o Coliseu. Levaria para minha cama. Levaria para sua casa, onde me mostraria seus livros, suas músicas. Depois iria para o banho e eu ficaria esperando, mesa à luz de velas. Apareceria cheirando à loção de barba, vestindo apenas um roupão, e abriria o vinho. *Je t'aime.*

Tudo o que fosse belo, iria me mostrar. Tudo o que havia aprendido, iria me ensinar. Eu seria seu discípulo; ele, meu salvador. Dos garotos do fundo da classe, nos corredores, no pátio, por todos os lugares, iria me salvar. Meus colegas eram feras, sempre com palavras agressivas.

¹ Licenciado em Letras-Português pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Câmpus Rondonópolis. Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Rondonópolis - UFR. Integrante do Laboratório Esquizoanalista de Produção de Subjetividades e(m) Interseccionalidades - LEPSI. E-mail: jeffersonadriareis@gmail.com.

Apixonado pelo professor, eles caçoavam. Ele me salvaria, pois todos veriam que eu era correspondido e calariam suas bocas ásperas, sem charme, sem sabedoria, sem paixão.

Escrevi um bilhete, mas não consegui deixar em sua mesa. Ficou no lixo. No outro dia, novo bilhete. Lixo. Em casa, eu me perdia. Perdia-me em meu corpo, em minha mente alucinante. Professor! pensava. Pensava nele do início ao fim, como no poema de Álvares de Azevedo. Meu corpo gelado, a substância quente e a paixão. O piano ao fundo, as promessas nas paredes do Louvre. Minha alma saía do corpo e voava até sua casa, até o jantar à luz de velas, a loção de barba, seu pescoço em meu rosto liso, minhas mãos por todo o seu corpo. Minha alma em sua casa.

Eu precisava que meu corpo também estivesse lá. Então decidi que era chegada a hora. Eu, gladiador fugitivo. Escravo perdido na Roma em trevas, procurando por meu mestre. Um discípulo desacorrentando em busca da sabedoria. Pés gelados, mãos trêmulas, lábios vermelhos. Pele pálida de anjo caído. Na porta de sua casa, bati. Quando abriu, não usava roupão, não usava loção de barba. Olhou-me assustado, falou meu nome. Meu nome! Pedi que repetisse. Perguntou se eu estava bem. O que aconteceu? Respondi: o meu amor é que aconteceu! Chamou-me de louco. Disse que aquilo poderia colocá-lo em perigo.

Não! Não era loucura, tentei dizer. Não poderia ser. Ainda gritei que o louco era ele, por não ter percebido nada. Então uma mulher, talvez uma ninfa, apareceu junto dele, segurando-o pelo ombro, e perguntou o que estava acontecendo. Olhei-o nos olhos assustados. Ele era um solteirão que precisava de alguém. Minha esposa, respondeu. Minha esposa e eu ficamos um ano separados, mas decidimos reatar.

Tudo aconteceu muito rápido. Senti-me tão ridículo que sorri. Sim, sou gladiador, não sou anjo, pensei. Sou gladiador e os garotos na escola serão os leões.

Foi então que o Imperador apareceu na esquina em uma motocicleta e parou próximo à calçada. O professor sorriu, como se tivesse encontrado a solução para seu problema. Gritou para o rapaz que me levasse em casa. Esse é meu filho, apresentou-o. Venha cá, cara. Te levarei pra casa.

Ainda trêmulo, caminhei até o rapaz e pedi desculpa. Quando arrancamos, ele perguntou o que havia acontecido, disse que estava chegando de uma festa. Você é aluno do meu pai? Perguntou se eu sabia guardar segredo e quando respondi que sim, mandou que eu o segurasse com força e acelerou. Para trás ficaram os gladiadores, os anjos, as ninfas, os imperadores, as peças para piano. Lá na frente perdi minha virgindade.

Recebido em: 23/01/2019

Aceito em: 10/06/2019

